

JÁ NÃO É MAIS PRECISO PROCURAR O ELDORADO. ELE EXISTE. É RORAIMA

Senador defende parque. E nem conhece os índios

Eldorado. Uma palavra de origem espanhola, usada para adjetivar o lugar onde, por certo, os conquistadores acabariam encontrando a maior quantidade de ouro que o homem jamais imaginou. Esse sinônimo de riqueza virou a té nome de hipercidade e shopping-center. Onde estaria esse famoso Eldorado?

Há muito se diz que ele está em Roraima. Qualquer pessoa de certa idade ouviu, já na infância, essa mesma história. Os antigos moradores do Território contam que desde certa época se fala sobre tal riqueza. Outros contam até que um grande avião, nos tempos da II Guerra Mundial, lançou sobre um lago, em algum lugar por aqui, uma carga preciosa, contendo grande quantidade de ouro e jóias.

REGISTROS

Os registros históricos contam que os antigos índios que habitavam a região em tempos imemoriais cobriam-se de ouro e ao serem perseguidos lançavam-no junto com os diamantes, toneladas deles, em vários grandes lagos existentes em Roraima. Mas são histórias antigas, sem nenhum dado concreto que possa confirmá-las.

Não se pode negar, no entanto, que existe no subsolo roraimense uma fabulosa riqueza em mine-

rais nobres, preciosos, raros e extraordinários. Levantamento feito pelo Projeto Radan/Brasil comprovou a existência desse potencial - imensurável - que atinge praticamente

alta importância militar. Garimpeiros e mateiros que penetravam na mata à procura de novas ocorrências de ouro e diamante contam que "eram aviões americanos", trazendo

terra, que garimpar não seria o termo correto: eles colhiam o mineral e o amontoavam para a pesagem feita pela Vale do Rio Novo, que comprava, pagava e transportava. Era tanta



Um igarapé no meio da selva. Foi aí que os garimpeiros encontraram o tão sonhado Eldorado.

toda a área geográfica de Roraima - 234.130 quilômetros quadrados - maior do que a de muitos Estados brasileiros ou de alguns deles juntos, ou até mesmo de alguns países.

Outra história que vem sendo bastante contada de geração em geração é aquela que aponta a região de Surucucus, na fronteira com a Venezuela, onde habitam os yanomamis, maiongongues e xirianas, como o local onde pousavam, em outras épocas, aviões de grande porte e de lá retiravam algum tipo de material, inclusive areia monazítica, contendo material radioativo, reconhecidamente estratégico e de

"gringos loiros e de olhos azuis". Essa história corre de boca em boca em Roraima há muitos anos. Os "historiadores" vão mais longe: lembram que, para não levantar suspeitas sobre suas reais atividades, esses "gringos" instalaram em Surucucus uma missão apoiada por uma empresa de nome Asas do Socorro.

Depois dessa vieram outras missões, que foram ocupando a grande e rica área. Em 1972, garimpeiros brasileiros descobriram lá em Surucucus e começaram a trabalhar na sua extração. O minério era tão farto e de expressiva ocorrência à flor da

euforia que se dizia da explosão de progresso que atingiria Boa Vista e o Território. E que todo mundo iria ficar rico.

Tal euforia não durou muito. O então governador Ramos Pereira, por determinação do governo federal, fechou o garimpo, tirando de lá homens que não chegaram a trabalhar mais do que 60 dias. É bom lembrar que, naqueles dias, não se falava em área indígena, o que só veio a ocorrer com a presença da Funai, cujo avanço sobre as terras de Roraima atinge hoje quase metade do Território, tornando-as terras dos índios ou pretendidas como tal.

A defesa dos índios de um pretensão avanço da população, o que, segundo alguns "profetas", causaria sua extinção, acabou se transformando em meio de vida para muita gente, políticos ou não. Dela se aproveitou o senador paulista Severo Gomes (PMDB) que, embora sem conhecer o Território, e portanto com base somente em informações que recebeu em Brasília, informações estas dirigidas de acordo com a convivência, apresentou projeto criando um extenso parque yanomami. A pretensão é tão absurda que não passou pelo crivo dos órgãos de segurança do governo federal.

Dizendo-se sempre um defensor da causa dos oprimidos, o senador não levou em conta que, embora os índios possam estar sofrendo algum tipo de prejuízo com a presença indiscriminada de brancos nas proximidades de suas malocas, também os garimpeiros se vêem prejudicados, pois enquanto não conseguem uma área sequer para trabalhar, estrangeiros vêm e vão livremente por essas mesmas áreas, contrariando um dispositivo constitucional que garante ao cidadão tranqüilo em seu próprio país. Uma portaria do então ministro do Interior, Mário Andreazza, passou por cima da Constituição. Ela cerceou a liberdade e o direito de ir e vir dos

brasileiros em Roraima.

Na verdade, os Estados brasileiros vivem hoje momentos de penúria. E Roraima poderia ajudá-los caso fosse permitida uma das atividades mais antigas das que existem no Território: a garimpagem. É preciso explorar esse amplo Eldorado que se manifesta em cada canto de Roraima. Para isso, há milhares de homens corajosos, com um profundo sentimento de brasilidade, dispostos a impedir o esbulho que se pratica contra o País com a saída clandestina de ouro e diamante para não se sabe onde.

É preciso esquecer esse senador Severo Gomes,

pois ele nada entende de índios e da realidade de Roraima. Se fosse um homem inteligente, teria olhado os dois lados. Teria vislumbrado, por exemplo, uma saída para o problema social que aflige milhares de famílias desampregadas. Hoje, essa solução já existe: basta um acordo que beneficie ambos os lados, sem a interferência perniciosa da Igreja e de estrangeiros. É apenas uma questão de se dar ambas as partes o mesmo direito de ganho. Os benefícios seriam inestimáveis e teríamos o fim dessa situação esdrúxula. Índio e garimpeiro podem perfeitamente conviver juntos. Isso já ficou provado pelos exemplos, muitos, que aí estão.

PAAPIÚ, PROBLEMA PARA A PM

Depois do conflito do Paapiú, o problema maior acabou ficando na mão da Polícia Militar, que mesmo com tão pequena contingente, foi obrigada a deslocar para a área um destacamento encarregado de manter a ordem. Enquanto os PMs são elogiados pelos garimpeiros, que destacam o trabalho que vem sendo feito pelo capitão Maia, o mesmo não se pode dizer da Polícia Federal. Os garimpeiros reclamam do tratamento que têm recebido e acusam o DPF de abuso do poder para coagí-los a deixar a região. Foi feliz o comandante-geral da PM, coronel Santos Rosa, ao escolher o capitão Maia para chefear essa missão.

Mas é preciso lembrar que para chegar a essa posição de firmeza com relação ao tratamento humano que devem receber os garimpeiros, a Polícia Militar teve que enge-

lir alguns desafios, principalmente por parte da Funai e da Polícia Federal. Mas vale destacar a atitude correta do secretário de Segurança, coronel Menna Barreto, que não concordou com a forma violenta que aqueles órgãos pretendiam usar para a retirada dos garimpeiros e adotou posição contrária, firme, com disposição para evitar que o pior acontecesse a tantos homens ainda espalhados na área.

O secretário demonstrou coerência e atitudes firmes quando defendeu a retirada gradual dos garimpeiros, devidamente supridos de alimentos, com o que não concordaram Funai e Polícia Federal, que queriam o uso da força, até de forma extrema, como metralhar garimpeiros ou, na melhor das hipóteses, cortá-los os suprimen-

tos. Com essa posição de Menna Barreto concordou o governador Getúlio Cruz, embora impotente para adotar uma decisão, pois tem que obedecer às ordens que vêm de Brasília. Getúlio condenou a ação de oportunistas que, para ele, estavam usando os garimpeiros para a consecução de interesses escusos. Foi firme ao afirmar que não admitia a baderna e frisou que a ordem seria mantida de qualquer forma, a qualquer custo.

Mas há uma solução para esse impasse. Basta que se queira adotá-la. Ela se chama cooperativismo. Basta que se dê a índios e garimpeiros as condições necessárias para que possam garimpar usando uma tecnologia mais apropriada, que leve à maior produtividade e aproveitamento do minério explorado.

E o ouro some. Não se sabe para onde

Os interesses que se vêm registrando na movimentação de órgãos e entidades dentro de Roraima nestes últimos anos, levando a uma briga suada pelo controle da área e suas riquezas, acabaram naquilo que muitos já previam: conflitos. De início, a tentativa foi a de envolver índios com fazendeiros, o que resultou na invasão de fazendas, queimas de casas, envenenamento de gado, derrubada de cercas e até mesmo no sequestro de brancos e prisões de índios. Com exceção do que ocorreu na fazenda Guanabara, em Normandia, em meados de julho, nada mais grave havia sido registrado. Mesmo por que houve pronta ação das autoridades e tolerância dos fazendeiros, evitando que a situação chegasse a um ponto mais crítico.

Esse fracasso na tentativa de se criar em Roraima um caos so-

cial, envolvendo essas duas partes, levaram os engenheiros da trama a buscar uma outra estratégia. Assim, viu-se no Paapiú, claramente, a mão de terceiros no incitamento de índios contra garimpeiros, o que terminou numa lamentável tragédia, cujos mandantes estão livres e prontos para continuar esse trabalho.

Embora índios e garimpeiros vissem trabalhando e convivendo juntos pacificamente há muitos anos naquela região, bastou que alguém os instigasse, destruindo um quadro harmônico que se verificava naquela área. Uma região onde a cobiça de uns poucos quase leva a inúmeras mortes. Embora alguns tenham morrido, o problema acabou controlado. Restou apenas a confusão que se vê hoje, com órgãos divergindo na opinião de como conduzir a uma solução mais a-

dequada.

Ao sobrevoar a região e vislumbrar a imensa selva que encobre as jazidas minerais de Couto de Magalhães e Surucucus, entendemos porque a Funai luta para evitar que nós, brasileiros, entremos lá. É uma riqueza muito grande e que justifica a campanha internacional patrocinada por vários países para impedir que o Brasil assumisse definitivamente a posse de tal tesouro.

Pode-se notar, também, no sobrevôo pela área, que não há mais do que 500 índios distribuídos em algumas poucas malocas a partir do Paapiú. E fica então a dívida: para onde foi todo o ouro que, sabidamente, vem sendo extraído há anos pelos yanomamis naquela região? A Funai, que tem um posto indígena no Paapiú, cabe responder.